



MAÇAMBIQUE

DE OSÓRIO



**Organização**

Álvaro Luiz Heidrich  
Museu UFRGS



MAÇAMBIQUE

DE OSÓRIO

## Maçambique em Osório: visão da manifestação e do lugar

As imagens e textos deste catálogo originaram-se de uma atividade de trabalho de campo da disciplina de Geografia Cultural, realizada em outubro de 2011 junto à Festa de Nossa Senhora do Rosário, uma celebração que mescla devoção católica e prática ritual de matriz africana pelo grupo de Maçambique. O campo, termo usual para nos referirmos a trabalho de campo, vivência de campo ou observação de campo é o que nos proporcionou esse encontro. Campo é por seu sentido próprio, uma extensão. Estar em campo ou a campo implica envolver-se, captar o que há no espaço, na sua manifestação. Nesse caso, nossa vivência proporciona um rico encontro: de estudantes com a manifestação da cultura, do registro da cultura em seu lugar, da busca do entendimento da manifestação e do lugar. Por isso reunimos neste catálogo o conhecimento advindo da pesquisa sobre o grupo de maçambiqueiros, contextualização e registros de observação de campo que legendam as belíssimas imagens capturadas por Wagner Innocencio Cardoso, fotógrafo e geógrafo, que naquela oportunidade cursava a disciplina de Geografia Cultural do Curso de Geografia da UFRGS.

O trabalho de campo é a prática mais tradicional das disciplinas que necessitam coletar fatos, informações, objetos e memórias junto às diferentes geografias, para serem estudados. Ir a campo é o que garante a possibilidade de estabelecer as relações entrelaçadas dos lugares. No lugar tudo se junta, mesmo que se apresente dividido ou profundamente diferenciado, o que está nele produz a relação. Ter estado em trabalho de campo na ocasião da Festa de Nossa Senhora do Rosário e na Festa do Maçambique permitiu vivenciar essas relações, recompondo o contexto das diversas formas constitutivas de expressão cultural afro-católica no âmbito do catolicismo popular. Sem isso, não seria possível compreender e apreender a origem, a constituição dessa manifestação de forma plena.

A Geografia Cultural é uma importante orientação dos estudos sobre paisagens, territórios e lugares. Com seu enfoque sobre as relações entre cultura e espaço buscamos compreender as manifestações em seu



contexto geográfico. Disso se extrai uma importante implicação, pois os lugares de hoje não são os mesmos que permitiram compreender no passado as separações geográficas e seus autênticos encaixes culturais. Assim, mais do que a visão do mundo como um mosaico de paisagens culturais, hoje se faz grande esforço, como expressa bem Paul Claval (2002), para sabermos mais da experiência do homem no meio e na sociedade, os significados produzidos e o sentido dado a suas vidas.

O trabalho de campo na disciplina de Geografia Cultural consiste em realização de prática de observação, experimentação de metodologia de pesquisa com abordagem cultural e busca de saberes das práticas e manifestações. Durante sua realização busca-se compreender a origem, seu desenrolar e enlaces territoriais e paisagísticos. Como uma prática de pesquisa, com o trabalho de campo pode-se dar início o desvelar de compreensões arraigadas e protegidas por ideologias. As observações incitam perguntar: por

que aquilo que se encontra está ali? Especialmente quando as ocorrências forem aparentemente estranhas ao que é visto como normal ou comum. Ter estado na Festa de Nossa Senhora do Rosário permitiu-nos realizar, além da observação das práticas culturais, indagar a seus frequentadores sobre suas próprias vivências, reconhecimentos, críticas, revelações acerca da festa, desde turistas, convidados, membros da comunidade negra, branca, religiosos, comerciantes e outros, autorizando-nos a constituir compreensão de uma geografia – que dá ênfase nas relações em torno daquela manifestação. Com um pouco desse sentido, a vivência dos alunos em campo é retratada por alguns dizeres extraídos dos relatos de campo.

Explorar os mananciais da nossa cultura, registrar sua diversidade é o compromisso mais autêntico do geógrafo da cultura. Reconhecer a possibilidade do entrelace de compreensões, demonstrar que não estamos tratando de contextos puros e isolados é um importante princípio da observação do que se oferece a nossa vista. Outro aspecto se mostra crucial na busca de compreensão da espacialidade cultural: ela pode se revelar em nuances vivas e materiais, em objetos fabricados, construções, práticas sociais, como cantigas, danças ou culinária, mas também pode estar apenas nas ideias, nas falas que identificam pessoas a lugares, assim como atitudes e hábitos a bens patrimoniais.

Assim é o fato de que nossa cultura é normalmente lembrada pela herança que trazemos das práticas campeiras, trazidas pelo esforço de domínio territorial das fronteiras, criação de gado e da economia que daí derivou, e também pela herança trazida da ocupação desse espaço por etnias europeias. O que se compreende do legado afrodescendente e indígena enriquece tudo isso, muito embora ainda não seja lembrado com a mesma força do conagraçamento prático que proporcionaram para a construção do nosso território.

Durante a festa o grupo Maçambique de Osório ocupa o centro da cidade, com seus passos e cantos, suas crenças e símbolos. Nesse espaço-tempo – a festa no centro da cidade – manifestam-se referências que o fazem, território de sua fé, território do Maçambique, dos quilombolas. Os cantos e personagens exaltam outro espaço e tempo, o de seus antepassados escravizados.

O grupo constitui-se no embate entre permanências e rupturas, em espaços e tempos onde tradição e resistência revelam interfaces entre geografias contemporâneas e de um passado escravista. As suas

*Osório é município do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, lugar de conexão de duas importantes rodovias: BR 290, que liga Osório à capital do estado, Porto Alegre, e BR 101, conectando o Rio Grande do Sul ao restante do país. Sua origem remete aos primórdios da colonização do então Rio Grande de São Pedro, quando no início do século XIX foi criado o município de Santo Antônio da Patrulha, do qual fazia parte a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio. Em 1857, Conceição do Arroio foi emancipada, elevando-se a categoria de Vila e, em 1934 seu nome foi substituído por Osório, em homenagem ao Marechal Manoel Luiz Osório.*



manifestações reforçam os laços de sociabilidade. Em seu território estão investidas as marcas que evocam relações ancoradas com seus antepassados contrapondo-se a um espaço presente diverso, onde materializa sua cultura e experiências na perspectiva de romper com o estigma e a invisibilidade conferida à cultura negra. Um desses momentos de ruptura e enaltecimento da cultura local realiza-se durante a festa. No ciclo sagrado e festivo da Festa do Rosário, os quilombolas reúnem-se vindos, primordialmente, do Quilombo de Morro Alto, desde o período colonial e imperial, cujos descendentes negros (afro-brasileiros), ainda hoje, resistem e persistem irmanados pelo Maçambique, deslocando-se de vários municípios do Litoral Norte, mobilizados pela sua devoção, sobretudo das áreas localizadas no quilombo e adjacências, como em Maquiné, Osório, Terra de Areia, Capão da Canoa e Tramandaí.

A presença de escravos no Rio Grande do Sul ocorreu com o despertar do interesse colonial na região, em virtude da importância econômica das vacarias, primeiramente de forma predatória com a



**Percurso Porto Alegre – Osório: 102 km**

*Osório se localiza próximo a diversos balneários e à rede de comunicação lacustre entre inúmeras lagoas e, já conta, com importante atividade turística. O contato do planalto com a planície do litoral confere a Osório uma marca de paisagem. É lugar de vento, comum nesse litoral que recebe com regularidade os alísios de nordeste, reforçado pelo acondicionamento que faz a borda do planalto. Já se firmou a alcunha de “terra dos bons ventos”, denominação que se associa a dois aspectos principais: a prática de esportes de voo livre e o aproveitamento da energia eólica. É região de arrozais e criação de gado, de pequenos estabelecimentos rurais, que entre sua atividade policultora se destaca o cultivo de cana-de-açúcar, e por isso, a fabricação do açúcar, doces e aguardente. Essa orientação da atividade econômica é creditada aos povoadores açorianos da região. É também um importante centro regional do Litoral Norte “gaúcho”.*

comercialização do couro e, depois, na implantação das charqueadas que contribuíram com a fixação de populações e na importância estratégica de ocupar o território entre o Rio da Prata e a Laguna dos Patos. Assim, próximo à terceira década do século XVIII, foi iniciada a distribuição de sesmarias, garantindo, a posse do gado e da terra à colônia portuguesa.

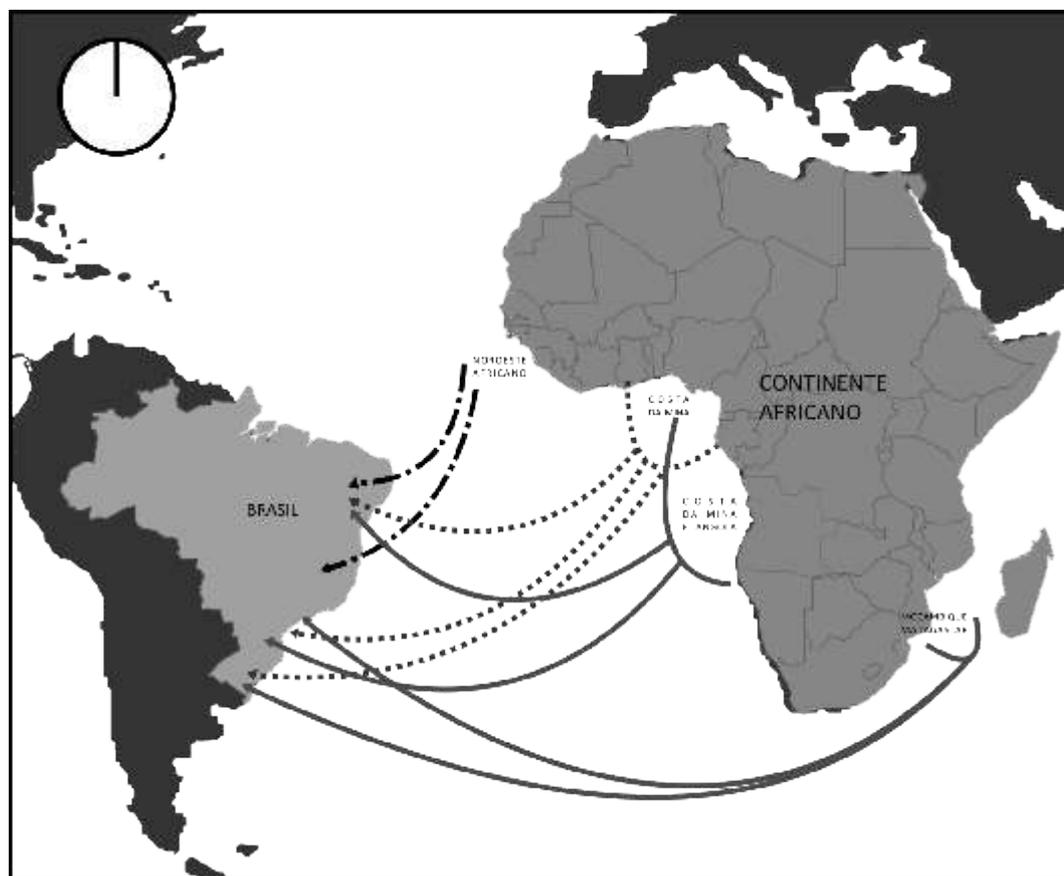
Os africanos escravizados vieram para as minas, as charqueadas, as plantações de cana-de-açúcar, as cidades, as guerras, etc. Nossa história, do Brasil e do Rio Grande do Sul, é indissociável da escravidão. Foram diversos grupos étnicos, com culturas, crenças, organizações sociais diferentes e, que resistiram, acrescentando importantes elementos à cultura brasileira. A herança cultural desses povos é importante

---

<sup>1</sup> Cf. Pesavento, 1992.

Entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, a grande presença de escravos em Conceição do Arroio está associada ao cultivo da cana-de-açúcar, com destaque para a Fazenda de Morro Alto, território de origem dos quilombolas do Maçambique de Osório. O cultivo e processamento da cana-de-açúcar exigiam maior quantidade de trabalhadores, elevando com isso, o percentual de escravos de Conceição do Arroio que, ao longo do século XIX, foi uma das regiões com maior população negra no território do Rio Grande do Sul.<sup>2</sup>

Segundo Maestri (2006), os escravos então trazidos nos séculos XVIII e XIX eram novos ou crioulos. Dentre os que vieram para o Rio Grande do Sul, estão as nações vinculadas aos portos de Benguela, Angola, Mina, Congo, Cassange, Cabunda, Monjolo, entre outras, assim como crioulos. Na fazenda do Morro Alto, segundo levantamento de Barcelos et. al. (2004) havia predomínio de Bantos.



#### Fluxo do tráfico de escravizados

- — — — — FLUXO DO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS SÉC. XVI
- ..... FLUXO DO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS SÉC. XVII
- FLUXO DO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS SÉC. XVI, XVII, XVIII, XIX

patrimônio cultural, como o Maçambique de Osório, que se destaca pelo papel na reafirmação e resistência dos laços comunitários e na formação de uma memória coletiva que atribua seu valor na composição da sociedade gaúcha, valorizando seus códigos identificadores de matriz afro-cultural.

Álvaro Luiz Heidrich  
Nola Patrícia Gamalho  
Aline Carlise Slodkowski  
Geógrafos

<sup>2</sup>Cf. Barcelos et al., 2004.